

Clóvis Moura, intelectual sem repuso

Maria Helena Elpidio*; Marcio Farias**; Weber Lopes Góes***

Em 2023 completam-se 20 anos da morte de Clóvis Moura (1925-2003), importante intelectual da classe trabalhadora que despendeu esforços nos estudos sobre a realidade brasileira, dando centralidade às relações étnico-raciais com o propósito de subsidiar os movimentos sociais e a esquerda como um todo.

Nascido em 1925 no Estado do Piauí; oriundo de família de classe média baixa, colocou-se ao lado da classe trabalhadora. Ao se mudar para Natal, no estado do Rio Grande do Norte, residiu com sua família entre os anos de 1935 e 1941. Quando jovem, na condição de estudante secundário, atuou no movimento estudantil, escrevendo artigos para o jornal *O potiguar*, veículo de comunicação do então Grêmio Estudantil, fundado no Colégio Santo Antônio, denominado Grêmio Cívico-Literário “12 de Outubro” (Mesquita, 2003).

Em 1942, vai para Salvador e entra no Partido Comunista do Brasil (PCB), onde exerce a função de jornalista – no diário do partido intitulado *O Movimento*. Em 1947 é eleito deputado estadual, entretanto, com a cassação do PCB, sua candidatura é impugnada. Segundo Mesquita (2003), em razão desse acontecimento, no ano de 1949, Moura migra para São Paulo e atua na Frente Cultural do Partido Comunista do Brasil (PCB) e estabelece relação com figuras expressivas do partido, tais como Caio Prado Júnior.

Nesse contexto, estuda as lutas encampadas pelos africanos no Brasil e as contribuições desses trabalhadores para a formação social brasileira, seja no âmbito

* Doutora em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória-ES, Brasil. Pesquisadora nível PQ 2 (CNPq). End. eletrônico: lenaeabreu@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8243-5427>

** Doutor em Psicologia Social pela PUC-SP. Professor do Departamento de Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo-SP, Brasil. Coordena a Coleção Clóvis Moura pela Dandara Editora. Autor do Livro *Clóvis Moura e o Brasil* (2019). End. eletrônico: t_mfarias@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3942-9862>

*** Pós-Doutorando em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor visitante da Universidade Federal do ABC, São Bernardo do Campo-SP, Brasil. End. eletrônico: weber.lopes@ufabc.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0872-4655>

cultural ou no econômico, perpassando pelos movimentos emancipatórios ocorridos no país a partir do período colonial.

Ao estudar as relações sociais no Brasil, Clóvis Moura mergulha numa perspectiva da totalidade, explicitando as contradições de classes, objetivando conhecer a realidade, em especial, como o racismo opera no seio da sociedade brasileira e quais os nexos causais de sua efetivação a partir das relações do modo de produção capitalista, seus desdobramentos e o elo com as particularidades da universalização do capital.

No ano de 1959, publica seu clássico livro *Rebeliões da senzala*, onde demonstrou a função do africano escravizado no interior das lutas sociais do Brasil, em contraposição à história oficial que apresenta o africano como “passivo” no contexto do escravismo. Na referida obra, Moura afirma que o processo de escravização do africano teve como finalidade impulsionar o modo de produção capitalista através do tráfico de africanos e a efetivação do trabalho escravizado nas Américas, aspecto que contribuiu para a dinamização do comércio triangular, culminando em lucrativas riquezas das empresas das burguesias colonizadoras e fomentando a atividade mercantil no interior do continente europeu. Assim, as razões que levaram a burguesia a consolidar a ideologia do racismo tiveram o escopo de justificar o empreendimento do capital europeu com a finalidade de assegurar a expansão do capitalismo. Por essa razão, defende a tese segundo a qual a ideologia do racismo é um mecanismo de dominação de classe. Em suas palavras:

O racismo tem, portanto, em última instância, um conceito de dominação, não apenas étnico, mas também ideológico e político. É por isso ingenuidade, segundo pensamos, combatê-lo apenas através do seu viés acadêmico e estritamente científico, um viés que ele transcende as conclusões da ciência e funciona como mecanismo de sujeição e não de explicação antropológica (Moura, 1994, p. 28)¹.

A citação evidencia que Moura não se preocupava em arrancar aplausos no interior da academia, pois seus escritos estão entrelaçados com os anseios dos movimentos sociais, isto é, a sua empreitada intelectual só teria sentido se tal empenho fosse para embasar teoricamente os segmentos sociais. Não por acaso, em *A Sociologia posta em questão* (1978), criticava veementemente as Ciências Humanas, especialmente a Sociologia e a Antropologia acadêmicas, quando denunciou a profissionalização do cientista social enquanto uma estratégia de descolar o estudioso da prática social e assevera que a fragmentação das ciências humanas em Etnografia, Sociologia, Etnologia, Ecologia Humana, Antropologia Cultural, Antropologia Social, Psicologia Social, teve como cerne formar especialistas do *empirismo*.

¹ Neste dossiê de *Lutas Sociais*, a citação pode ser encontrada na p. 62. Ver Moura (2023).

Moura salienta que a profissionalização de acadêmicos resultou num “passatempo e uma forma de legitimar títulos de sociólogos e professor” (Moura, 1978, p. 46). Desse modo, afirma que não somente “as ideias dominantes – e aqui se incluem as categorias fundamentais das ciências sociais acadêmicas – são as da classe dominante” (Moura, 1978, p. 53).

Dessa maneira está comprovada a contraposição mouriana à “sociologia acadêmica”, principalmente quando se manifesta a favor da emergência de uma “Sociologia da Práxis”, instrumento de captura da sociabilidade a partir dos processos históricos, das contradições político-econômico-sociais. A sociologia da práxis refere-se à busca do entendimento da sociabilidade não para manter a ordem social, como querem os profissionais da academia conservadora e reacionária. Ao contrário, o “sociólogo da práxis” deve conhecer a sociedade, explicá-la e disponibilizar o conhecimento para a transformação social. Neste caso, o referido livro “demarca a inflexão na obra de Moura, pois ao mesmo tempo em que remete às suas concepções anteriores fundamenta o uso das categorias marxistas nos trabalhos seguintes” (Silva, 2017, p. 168).

Outra contribuição de Clóvis Moura enquanto um pensador central para compreensão da dinâmica do capitalismo brasileiro tem a ver com a discussão sobre o tema referente à “democracia racial”. O pensador piauiense tem contribuições originais para tal discussão, ao afirmar que a mitologia da democracia racial seria um mecanismo de barragem ideológica do negro brasileiro e que encobre a concreta condição racial e racista no Brasil (Moura, 1978). E mais, o mito da democracia racial seria uma forma de assegurar o branqueamento progressivo pela miscigenação, efetivado pelas classes dominantes que não ansiavam que os pobres alcancem direitos sociais e civis nessa sociedade de classes que se erguia e que se consolidou (Góes; Pereira, 2015).

Outro ponto fundamental: a partir dos estudos de Moura é possível ainda afirmar a sua preocupação não somente em apontar a importância do protagonismo do africano no Brasil no que diz respeito à resistência ao escravismo – quais sejam por meio dos quilombos, insurreições, guerrilhas etc. – mas também no que se refere às formas de dominação e exploração do negro no pós-abolição, perpetradas pelas classes dominantes brasileiras.

Outrossim, em seus estudos estão contidos os elementos fundamentais para se apanhar o caráter constitutivo da burguesia brasileira conservadora e associada aos centros dinâmicos do capital, bem como o capital externo aqui instaurado, ao demonstrar que para essas classes havia um desejo de se consolidar um país cujas populações negras não viessem a fazer parte de tal projeto, daí a hostilização aos “subalternos”. A este respeito, Moura em sua obra *As injustiças de Clío: o negro na historiografia brasileiro* (1990), ao dedicar um capítulo a Oliveira Vianna, argumenta que toda a sua empreitada, para além de estar alinhada com os propósitos das elites brasileiras, está intoxicada

pelo cientificismo arianizante da ciência eurocêntrica do seu tempo, deixou uma obra que é um monumento de exaltação às elites dirigentes e um libelo contra os seus componentes populares: negros, índios, curibocas e outros não-brancos. Uma obra que nada tem de científica e serve, ainda, para justificar desmandos contra essas camadas populares que, para ele, eram a ‘patuleia de mestiços’ incapazes de se inserirem no processo civilizatório. Um livro que deforma e deturpa os fatos para defender as elites e o racismo (Moura, 1990, p. 212).

Observa-se que a produção teórica de Vianna, conforme indica Moura, tem como perspectiva justificar a dominação de classes, além de aludir a um “tipo” de país onde os povos não-brancos deveriam ser extinguidos da sociedade brasileira, considerando que tais segmentos não eram “puros”, isto é, não eram brancos eugenizados.

A partir da vasta obra de Clóvis Moura e das temáticas que procurou enfrentar, Márcio Farias o concebe enquanto um “interprete do Brasil”, principalmente quando se propõe a estudar as “relações raciais, a história e a historiografia da escravidão, o chamado ‘pensamento social brasileiro’ e o marxismo, em seu desenvolvimento teórico e histórico” (Farias, 2019, p. 50). Ainda ombreados com as pistas de Farias, toda a trajetória de Moura é um *continuum*, principalmente no que diz respeito aos seus estudos. Ou seja, não “existe um ‘novo’ e o ‘velho’ Clóvis Moura. Não há fases, ênfases epistemológicas distintas” (Farias, 2019, p. 50), pois o que existe, no primeiro momento, é uma busca por parte do pensador piauiense em demonstrar como os negros/as participaram decisivamente na história política do país e, no segundo momento, como o “Brasil, dialeticamente, negro se conformou” (Farias, 2019, p. 50).

Após sua morte, inúmeras pesquisas foram realizadas, principalmente no seio da academia, resultando em artigos, dissertações e teses sobre a sua produção; o que significa que o intelectual sem repouso tem despertado o interesse daqueles que querem conhecer Clóvis Moura. Neste sentido, promoções de cursos e seminários, edições de algumas das obras mourianas e outras ações têm sido realizadas não apenas para homenageá-lo, mas também a fim de resgatar a sua ampla produção, como demonstram, por exemplo, os trabalhos de Érika Mesquita (2003), Fábio Nogueira de Oliveira (2009), Ana Paula Procópio da Silva (2017); Márcio Farias (2019), para ficarmos apenas nestes.

Merecem destaques o Seminário “20 anos sem Clóvis Moura”, que será organizado no final de 2023, pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, na Universidade Estadual de Campinas, com a participação de especialistas sobre as produções referentes ao Clóvis Moura, além de apresentações de trabalhos, em particular, de pesquisadores/as que dedicam seus estudos ao edifício teórico do pensador piauiense. Outro evento que confirma a importância de Moura, também

previsto para o final de 2023, será organizado em parceria com o Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da Universidade Católica de São Paulo, que vislumbra apresentações de trabalhos sobre Moura e mesas de debates com militantes e pesquisadores/as que procuram demonstrar a necessidade de reverberar as produções teóricas mourianas. Por fim, merece destaque a importante iniciativa da Editora Dandara que, sem medir esforços, tem se dedicado a publicar as obras de Clóvis Moura, sob a coordenação do professor Márcio Farias, com mais de cinco títulos disponíveis ao público.

Com relação ao presente dossiê de *Lutas Sociais*, quando sua chamada se tornou pública, não imaginávamos que haveria uma quantidade significativa de submissão de artigos e resenhas referentes às produções de nosso incansável intelectual. Recebemos artigos de vários estados da federação e, devido ao resultado exitoso que obtivemos, o comitê editorial da revista resolveu publicar o dossiê em dois números. Este primeiro², vol. 27, n. 50, jan./jun. 2023, intitulado *Clóvis Moura, intelectual sem repouso*, que além desta introdução, conta com sete artigos, sendo um deles a republicação de um texto de impacto do autor piauiense, e com duas resenhas de livros que foram recentemente lançados ao grande público.

Abrindo o dossiê *Clóvis Moura, intelectual sem repouso*, leitores/as encontrarão da primeira parte do artigo do próprio Moura, “Racismo como arma ideológica de dominação I”, publicado originalmente em 1994 na revista *Princípios*. Neste artigo o autor argumenta que o racismo, para além de ser um mecanismo de sujeição e dominação, foi importante para alavancar o sistema colonial e expansão das metrópoles colonizadoras.

Na sequência, o dossiê traz uma entrevista com Soraya Moura – filha de Clóvis Moura – concebida ao pesquisador Henrique Roberto Figueiredo. Nesta conversa, foram discutidas as origens de Clóvis Moura, sua atuação enquanto militante político e sua produção intelectual. A filha de Clóvis Moura comenta sobre a relação de seu pai no âmbito familiar, suas produções referentes à literatura brasileira, sua relação com Caio Prado Júnior, com a universidade e sobre os novos estudos e a recuperação da obra mouriana.

O artigo “Clóvis Moura e Cedric Robson: diálogos sobre a tradição negra”, do professor Fábio Nogueira, procura estabelecer um diálogo entre o pensamento mouriano, a partir da sua obra *O negro: de bom escravo a mau cidadão?*, publicado em 1977, e o conceito de “tradição negra” do afro-norte-americano Cedric Robinson, presente em seu livro *Marxismo negro: a invenção da tradição radical negra*, de 1983. No artigo estão contidas as convergências e divergências entre as ideias de Moura e Robinson.

² O segundo, vol. 27, n. 51, jul./dez. 2023, terá dossiê intitulado Clóvis Moura e a práxis negra, e o/a leitor/a poderá acessar outra gama de artigos e resenhas sobre as produções mourianas.

Agnus Lauriano e Renata Falavina assinam o texto “Força de trabalho e capitalismo dependente: diálogos necessários entre Clóvis Moura e Ruy Mauro Marini”, que tem como finalidade estabelecer um diálogo entre as formulações teóricas de dois importantes sociólogos brasileiros: Clóvis Moura e Ruy Mauro Marini. A perspectiva é abordar a compreensão de Moura em relação ao processo de transição entre o escravismo colonial e o capitalismo dependente no Brasil, e analisar os elementos que Marini aponta como constituidores da situação de dependência e retomar as elaborações de Moura acerca dos mecanismos de barragem impostos aos/às negros/as e sua relação com a superexploração da força de trabalho.

Em “Clóvis Moura como intérprete marxista da América Latina: notas aproximativas”, Patrick Oliveira examina o estudo mouriano da América Latina, com a finalidade de localizar suas contribuições e seus limites diante do que se entende por história do pensamento marxista sobre a escravidão, que abrange autores como Caio Prado Jr., Jacob Gorender, Florestan Fernandes, Eric Williams, Dale Tomich, Angela Davis, Walter Rodney e outros. O artigo propõe uma interpretação da América Latina a partir de uma relação dialética entre luta política dos “de baixo” e o desenvolvimento capitalista dependente.

João Pedro Monteiro, autor de “Sociologia, antropologia e raça em Clóvis Moura”, busca compreender o procedimento metodológico e analítico envolvido na crítica da noção de raça na obra de Clóvis Moura e demonstrando como o nosso autor compreende a formação histórica da Sociologia e Antropologia. A partir da análise do surgimento dessas disciplinas, ombreada com as pistas mourianas, o autor demonstra como o colonialismo necessitou e construiu o conceito de raça enquanto estratégia de dominação.

No artigo “Contribuições de Clóvis Moura para o Serviço Social Brasileiro: por uma formação antirracista”, resultado da reflexão coletiva de Sandra Regina Vaz da Silva, Maria Helena Elpidio, João Paulo Valdo, Gustavo Fagundes e Leonardo Dias Alves, são apresentadas as contribuições de Moura para o debate da questão racial no interior do Serviço Social brasileiro. Os autores propõem estabelecer um diálogo entre as categorias apresentadas por Moura e os fundamentos que orientam a formação e o trabalho na profissão sob a perspectiva histórico-crítica, com o escopo de contribuir para uma formação radicalmente crítica e antirracista.

Duas resenhas encerram o dossiê. A dedicada pesquisadora Yasmin Victória Santos Malaquias agarra a missão de apresentar a obra *Os Quilombos e a rebelião negra*, publicada em 2022 pela Editora Dandara. Outra jovem e talentosa pesquisadora, Tamires Guimarães do Nascimento, discorre sobre o impacto que o livro *Sociologia do negro brasileiro* teve em sua trajetória como mulher negra. Depois de 31 anos, esta obra portentosa ganhou nova publicação pela Editora Perspectiva.

Com este vol. 27, n. 50 de *Lutas Sociais*, dedicado às produções mourianas, esperamos dar mais um passo no que diz respeito à nossa singela contribuição, que

nada mais é do que ventilar a produção e a importância de um grande intelectual que desde a sua atuação política procurou despender esforços teóricos não somente para deslindar o Brasil e as suas contradições, mas sobretudo para a sua superação numa perspectiva emancipatória.

Boa leitura!

Referências

- FARIAS, Márcio. *Clóvis Moura e o Brasil*. São Paulo: Editora Dandara, 2019.
- FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. vol. I. São Paulo: Ática, 1978.
- GÓES, Weber Lopes; CORREIA, Renato P. Clóvis Moura: delineamentos gerais para a superação do racismo à brasileira. *Lutas Sociais*, São Paulo, vol.19, n. 34, p. 174-185, 2015.
- MESQUITA, Érika. Clóvis Moura e a Sociologia da Práxis. *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, vol. 25, n. 3, p. 557-577, 2003.
- MOURA, Clóvis. O Racismo como arma ideológica de dominação. *Lutas Sociais*, São Paulo, vol. 27, n. 50, p. 61-73, 2023.
- _____. *Rebeliões da senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas*. São Paulo: Anita Garibaldi, 2014.
- _____. O Racismo como arma ideológica de dominação. *Princípios*, São Paulo, n. 34, p. 28-38, 1994.
- _____. *As injustiças de Clio: o negro na historiografia brasileira*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.
- _____. *A sociologia posta em questão*. São Paulo: Livraria de Ciências Humanas Ltda., 1978.
- OLIVEIRA, Fábio Nogueira de. *Clóvis Moura e a sociologia da práxis negra*. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Direito). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.
- SILVA, Ana Paula Procópio da. *O contrário de “Casa Grande” não é senzala. É Quilombo! A categoria da práxis negra no pensamento social de Clóvis Moura*. Tese (Doutorado em Serviço Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.